

PODER E TERRITÓRIO NA GEOGRAFIA: estudo do tráfico de drogas em Teresina-PI

Carlos Jardel Araújo Soares
Mestrando em Geografia na UFPI
jardel_love@hotmail.com
Prof. Dr. Carlos Sait Pereira de Andrade
Professor do curso de Pós-graduação (Mestrado) em Geografia da UFPI
carlossait@hotmail.com

Resumo

A elaboração deste artigo está vinculada a elaboração do projeto de pesquisa a ser desenvolvido no Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Piauí. Dessa forma, tem por objetivo apresentar os principais conceitos abordados na ciência geográfica e os métodos que buscaram explicar o fenômeno do tráfico de drogas em escalas macro e micro no país. Para tal, esse trabalho apresenta-se estruturado em três sub-tópicos, em que o primeiro consiste em apresentar o conceito de poder e território na geografia e a sua estreita ligação com a temática do tráfico de drogas. O segundo sub-tópico consiste na busca dos métodos utilizados pela Geografia para o desenvolvimento da pesquisa sobre drogas. O terceiro sub-tópico consiste em uma breve caracterização do espaço urbano de Teresina e a sua relação com o tráfico de drogas. Esse último tópico do artigo é um dos objetivos pautados para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado aqui citada.

Palavras-chaves: Geografia. Poder. Território. Tráfico de drogas.

Introdução

O crescimento urbano acelerado das cidades médias no Brasil trouxe grandes problemas de ordem política, social e econômicos para esse país. Porém, dentre as várias problemáticas enfrentadas, o aumento extraordinário do tráfico de drogas nessas cidades tornou-se ao longo dos últimos anos tema de debates cotidianos da sociedade brasileira.

Contudo, segundo Souza (1995, p. 169) “a ampliação e consolidação da rede do tráfico de drogas pelo território brasileiro corresponde a um processo de realização de cenários tendenciais extremamente preocupantes, apontando para o agravamento e simultaneamente para a complexificação da questão urbana”.

A produção da criminalidade, principalmente a do tráfico de drogas, das grandes cidades ou metrópoles brasileiras passou a ser reproduzida nas cidades médias como uma necessidade, tanto de expansão da própria criminalidade, como também da busca por novos espaços e mercados que abastecem essa rede criminosa.

Todavia, o problema com o tráfico de drogas no Brasil não é algo recente, segundo Neves (2006, p.15) “a primeira disposição expressa sobre a proibição de algum tipo de substância tóxica somente é encontrada no Código Penal Republicano de 1890”.

E, a partir de então surgem outros códigos penais que vêm coibir o tráfico de drogas no país.

Em 2006, o Governo Federal cria a “Lei de Drogas”, a partir da qual institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; tem por objetivos: prescrever medidas para prevenção do uso indevido de drogas, atenção e reinserção social de usuários e dependentes; estabelecer normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; definir crimes e dar outras providências, (BRASIL, 2006).

Amparado pela Lei, o poder público brasileiro intensifica a sua atuação no combate ao tráfico de drogas por todo o Brasil, prova disso são as atuais nacionais realizadas pela polícia federal, órgão policial maior no combate ao tráfico de drogas no país. No Brasil (2008), a polícia federal em 2008 deflagrou mais de 20 grandes operações de combate ao tráfico de drogas, culminando em centenas de prisões com várias toneladas de drogas psicotrópicas apreendidas.

Portanto, mediante o exposto acima, percebe-se que a prática criminosa do tráfico de drogas encontra-se de fato distribuída por todo o Brasil, e que se apresenta dissolvida nas grandes, médias e pequenas cidades brasileiras, afetando diretamente e indiretamente o cotidiano das mais variadas classes econômicas da sociedade brasileira, transformando a rua, o bairro pobre ou os condomínios luxuosos em suas fortalezas, com leis próprias e exercício de poder, formando assim territórios.

1. O Conceito de poder e de território na geografia

Ao longo da história do pensamento geográfico, o território se tornou uma de suas categorias conceituais pelo fato de agregar ao espaço um valor ligado às relações sociais ocorridas naquele. Dessa forma, o território dá ao espaço os valores de uso, troca, o valor de produção e reprodução contínua. E, é esse o local em que se prospera a prática criminosa do tráfico de drogas no espaço urbano brasileiro.

Diante dos fatos, as relações que se estabelecem no território por um grupo ou indivíduo, deve ser compreendida como uma relação de poder. Por sua vez, o poder torna-se parte inseparável do território, e esse só existe a partir dessa relação. Para melhor compreender a definição de poder Raffestin (1993, p.52) afirma

que é preciso compreender por poder primeiro a multiplicidade das relações de força que são imanentes ao domínio em que elas se exercem e são constitutivas de sua organização (...). O poder é parte

intrínseca de toda relação. Multidimensionalidade e imanência do poder em oposição à uma unidimensionalidade e à transcendência: ‘o poder está em todo lugar; não que englobe tudo, mas vem de todos os lugares’. Por tanto, seria inútil procurar o poder ‘na existência original de um ponto central, num centro único de soberania de onde irradiaria formas derivadas e descendentes, pois é o alicerce móvel das relações de força que, por sua desigualdade, induzem sem cessar a estados de poder, porém sempre locais e instáveis’.

Foucault (apud Raffestin, 1993, p.53) na busca de uma definição precisa do poder, elenca alguns pontos que por sua vez não chega a ser um conceito concreto de poder, porém cria uma essência visando à natureza do poder.

1. O poder não se adquire; é exercido a partir de inumeráveis pontos.
2. As relações de poder não estão em oposição de exterioridade no que diz respeito a outros tipos de relações (econômicas, sociais, etc.), mas são imanentes a elas.
3. O poder vem de baixo; não há uma oposição binária e global entre dominador e dominados.
4. As relações de poder são, concomitantemente, intencionais e não subjetivas.
5. Onde há poder há resistência e no entanto, ou por isso mesmo, esta jamais está em posição de exterioridade em relação ao poder”.

Analisando a organização criminosa do tráfico de drogas no Brasil, vê-se que a mesma permanece em constante conflito do ponto de vista do poder e do território. A luta pela manutenção de ambos é cotidiana. Pertencem aos indivíduos ou aos grupos que delas fazem parte ou não. O trinômio tráfico de drogas/território/ poder seria uma reafirmação das falas acima apresentadas por Raffestin e Foucault, porém materializada aqui no espaço.

O território não é menos indispensável, uma vez que é a cena do poder e o lugar de todas as relações, mas sem a população, ele se resume apenas a uma potencialidade, um dado estático a organizar e a integrar numa estratégia. Os recursos, enfim, determinam os horizontes possíveis da ação. Os recursos condicionam o alcance da ação. (RAFFESTIN, 1993, p. 58)

Afinal, “o poder só se é de fato perceptível por ocasião de um processo relacional”, Raffestin (1993, p. 64). Assim, o processo relacional aqui está ligado à

apropriação do espaço. Está ligada ao território. Mas, qual a definição de território se aproxima com a relação tráfico de drogas e poder?

Diante das várias formas de conceituar o território, formas essa considerada aqui pelas ciências que as tem como categorias conceituais e as relações de poder, Saquet (2007, p.13) afirma que “o território é um destes conceitos complexos, substantivado por vários elementos, no nível do pensamento e em unidade com o mundo da vida”.

Mediante a complexidade e a historicidade do conceito de território, a considerar a ciência geográfica, Saquet (2007) nos apresenta de forma sintética, porém profunda as várias fases dessa evolução conceitual dentro da geografia.

Na geografia após ser apontado e trabalhado por Friedrich Ratzel, o conceito de território renasce de forma renovada na filosofia e em estudos de geografia, economia e sociologia. Reaparece em Dematteis (1964 e 1969), como produto das relações sociais efetivadas no âmbito da família, da comunidade rural e desses indivíduos com agentes da cidade, historicamente condicionados e caracterizados, tanto econômica como política e culturalmente, em tramas socioespaciais; em Deleuze e Guattari (1976[1972]), compreendidos como fluxos, conexões, articulações, codificação e decodificação, poder; fazem uma reflexão profunda sobre a produção do capital, destacando o desejo como um processo inerente a essa lógica; em Eco (1984[1972]), como uma área na qual se estabelece relações simbólicas e de poder; em Gottman (1952), por exemplo, como um caráter político-administrativo para além do Estado-Nação e como circulação e iconografias; em Raffestin e Guichonnet (1974), ligado as suas preocupações e argumentações geopolíticas; em Vagaggini e Dematteis (1976), como um conceito que pode permitir, justamente com um aporte metodológico apropriado, uma compreensão de movimento nas mudanças sociais; em Dematteis (1970), como conceito central na construção de uma geografia histórico-crítica; em Quaini (1974a), também sob o método dialético, como um produto de organização histórico-social, tanto econômico, como cultural e politicamente; em Indovina e Calabi (1974) e Magnaghi (1976), como resultado e condição das forças e relações produtivas capitalistas que ordenam e usam o território; em Becattini (2000[1979]), como área com distintos elementos combinados na forma de distrito industrial; em Muscarà (1967) e Bagnasco (1977), obras também pioneiras, clássicas e indispensáveis para entender as combinações territoriais que substantivam econômica, política e culturalmente nos níveis interno e externo de cada território, entre outros. (SAQUET, 2007, p.18)

Poderíamos questionar do porque da apresentação acima da evolução conceitual do território, questionamento esse justificado pelo fato da pesquisa

relacionar-se com um conceito mais contemporâneo tanto da ciência geográfica, quanto nas suas correntes de pensamento.

Em suma, Souza (2007, p.81) afirmaria que os “territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dia; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica”. Portanto, é a partir da apresentação anterior que nos faz definir ou mesmo compreender o que é território e qual território é inerente a nossa pesquisa.

O território das relações sociais, das relações de poder, da ocupação e domínio do espaço, o território contemporânea, da geografia crítica ou marxista, é o território inerente a nossa pesquisa. Assim, o conceito apresentado por Saquet (2007, p.24) materializa sinteticamente essa relação.

O território significa natureza e sociedade; economia, política e cultura; idéia e matéria; identidades e representações; apropriação, dominação e controle; des-continuidades; conexões e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade. Isso significa e existência de interações no e do processo de territorialização, que envolvem e são envolvidas por processos sociais semelhantes e diferentes, nos mesmos ou em distintos momentos e lugares, centradas na conjunção, paradoxal, de des-continuidades, de desigualdades, diferenças e traços comuns.

A aplicabilidade do conceito de território, território esse ligado as relações de poder e ocupação do espaço, bem como a relação de identidade do lugar, podem ser compreendidos a partir da definição apresentada por Souza (2007, p.84), onde para esse autor

a ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode ser mais compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”). E mais: os limites do território não seriam, é bem verdade, imutáveis – pois as fronteiras podem ser alteradas, comumente pela força bruta - , mas cada espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade *sócio-espacial*, identidade na verdade não apenas com o espaço físico,

concreto, mas com o território e, por tabela, com o poder controlador desse território.

É por isso, que o fenômeno do tráfico de drogas está ligado ao conceito de território, principalmente pelo fato do mesmo constituir-se no espaço e nesse espaço exercer poder. Além do poder, o tráfico de drogas constitui uma rede própria de informações, ligados ao comando ou ligadas aos grupos subordinados a esse comando.

Contudo, para grupo que forma o território da droga, esse acaba se tornando o seu território de identidade, mesmo que funcional, ou seja, aquele que esse irá defender, por situação social desfavorável ou mesmo pelo grande capital levantado no comércio ilegal da droga.

Todavia, mesmo o território se tornando gerador de identidade, para o tráfico de drogas ele acaba sendo instável com “as áreas de influencia deslizando por sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças; a criação de identidade territorial é apenas relativa, digamos, mais propriamente funcional que afetiva”, Souza (2007, p. 88).

O território do tráfico de drogas, segundo Souza (2007, p.92) se apresenta, portanto,

altamente pulverizadas, ela contrasta vivamente com a estrutura territorial característica de organizações mafiosas... . No caso do tráfico de drogas, territórios-enclave (...) acham-se disseminados pelo tecido urbano, com territórios amigos (...) dispersos e separados pelo ‘asfalto’, para empregar a gíria... usual, ou seja, por bairros comuns, ou, ... ‘áreas neutras’.

Destarte, o território do tráfico de drogas não se encontra isolados do ponto de das relações, da informação e da própria transformação que a mesma exerce no espaço. Mesmo os territórios sendo dominados por traficantes ou facções criminosas inimigas eles acabam se tornando passagem de informações necessárias para o funcionamento do tráfico de drogas.

Tais informações podem estar dispostas em redes. Que, resumidamente pode ser explicada através da fala a seguir de Souza (2007, p. 93) onde esse, com relação a complexidade da organização do tráfico de drogas diz que

O processo de constituição de redes de organização criminosas... remete à necessidade de se construir uma ponte conceitual entre o território em sentido usual (que pressupõe contigüidade espacial) e a rede (onde não há contigüidade espacial: o que há é, em termos abstratos e para efeito de representação gráfica, um conjunto de pontos – nós – conectados entre si por seguimentos – arcos – que correspondem aos fluxos que interligam, ‘costuram’ os nós – fluxos de bens, pessoas ou informações –, sendo que os arcos podem ainda indicar elementos infra-estruturais presentes no substrato espacial... esse território em rede ou território-rede propõe o autor chamar de território descontínuo.

Se constituído em territórios contínuos ou descontínuos, a complexidade da organização do tráfico de drogas e suas implicações no espaço ficam bem claras. Seja em uma realidade de cidade-metrópole, ou de uma cidade média, ou mesmo cidade pequena. Em linhas gerais a organização do tráfico de drogas mantém uma linearidade, no que diz respeito ao uso do solo, das relações de poder e da troca de informações. Porém a peculiaridade pode nascer a partir da unidade cultural inerente a cada espaço, a cada cidade, o eu irá rebater-se diretamente no território.

Portanto, o tráfico de drogas que ocorre na cidade de Teresina, mesmo seguindo essa linearidade das outras cidades brasileiras, possui a suas peculiaridades. Imaginemos essas peculiaridades quando a escala diminui mais ainda e chegamos aos territórios do tráfico de drogas contidas no bairro.

2. Pesquisas em geografia com tráfico de drogas e métodos em questão

O tráfico de drogas ilícitas é uma problemática que assola a sociedade em todas as escalas, desde a escala global, com o tráfico internacional de entorpecentes, ao tráfico local, entranhada nas grandes, médias e pequenas cidades de todo o mundo e consequentemente do Brasil.

Há não só no Brasil, mas em toda a América Latina uma grande necessidade de avanço nas pesquisas sobre o tráfico de drogas nas ciências sociais. E, dentre essas ciências, a geografia capacita-se para essas pesquisas por ser ela capaz de investigar as ações promovidas por esse fenômeno, o tráfico de drogas, e situa-las no espaço.

As pesquisas desenvolvidas no Brasil, pela geografia, sobre o tráfico de drogas, encara uma problemática voltada para duas perspectivas, um primeira de escala macro, pensa o tráfico de drogas com um problema regional na América Latina. São assim, pesquisas que buscam compreender as relações estabelecidas entre o comercio ilegal do tráfico de drogas e poder econômico que está por traz dessa prática. Nesses trabalhos

pensa-se o Brasil como uma rota importante para a consolidação do tráfico internacional de drogas.

Podemos citar o grupo de pesquisa Retis, ligado ao departamento de geografia da UFRJ, como um dos mais atuantes nas pesquisas e produções científicas sobre o tráfico de drogas na escala macro. A justificativa dessa contribuição pode ser pelo fato desse mesmo grupo ter uma linha de pesquisa denominada de “Geografia das Drogas Ilícitas e Sistema Bancário-Financeiro”. Estão disponíveis no site oficial do grupo nove (9) trabalhos científicos voltados à temática em discussão. Destacam como autores dessa desses trabalhos, Machado (1995, 1996, 1998, 2001, 2002 e 2003), Steiman (1995) e Novaes (1995), sendo que a produção desses últimos são monografias de conclusão de curso.

Dentre os trabalhos acima citado, elencamos o artigo escrito pela Doutora Lia O. Machado (1995), denominado de “Movimento de dinheiro e tráfico de drogas na Amazônia”, com o intuito de identificar o método que a mesma utilizou para o desenvolvimento de sua pesquisa.

Em primeiro lugar, faz importante destacarmos as dificuldades apontadas por Machado (1995, p. 222) no que diz respeito à obtenção de dados confiáveis sobre o tráfico de drogas, onde essa diz que “a dificuldade na obtenção de dados e o baixo grau de ‘confiabilidade’ de algumas informações situam o trabalho no campo da probabilidade e não da certeza”.

Conduto observa-se que essa produção dava início a inclusão da geografia na discussão sobre o tráfico de drogas no Brasil. A preocupação da autora em sua produção, era de como inserir a geografia nesse debate. Por isso, o seu aporte metodológico encontrava-se em constante conflito com relação às veridades dos dados, enquanto que o aporte teórico encontrava-se consolidado no pensamento geográfico.

Outras contribuições da geografia a temática do tráfico de drogas, refere-se a uma escala micro dos fatos, aquela ligada a geografia urbana e ao conceito de poder e território. Assim, durante o levantamento bibliográfico, encontramos alguns trabalhos referentes ao tráfico de drogas e seus territórios no espaço urbano brasileiro.

Todavia, elencamos para a identificação do método o trabalho denominado de “Redes e sistemas do tráfico de drogas no Rio de Janeiro: uma tentativa de modelagem” do Doutor em geografia Marcelo José Lopes de Souza, um dos trabalhos conclusivos do projeto de pesquisa, vinculados ao Núcleo de Pesquisa Sobre o Desenvolvimento Sócio-espacial - NUPED, de nome: “Os impactos sócio-espaciais do tráfico de drogas nas

cidades brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Recife” (financiamento: CNPq) que perdurou de 1995 a 1997.

Nesse trabalho, Souza (1996, p.46) fala que “muito mais que perseguir a questão dos impactos sócio-espaciais do tráfico, é algo particularmente difícil, devido a óbvia dificuldade prática de acesso aos dados suficientes e confiáveis”. Novamente toca-se no ponto da dificuldade de acesso a dados e confiabilidade nos mesmos, dificuldade sentida por quase todos aqueles que se arriscam a trabalhar com a temática do tráfico de drogas, seja na geografia ou em outra ciência social.

Mas, com relação ao método, o autor buscou explicar o fenômeno do tráfico de drogas, tendo as favelas cariocas como locus de estudo, através de uma explicação dialética apoiada na Teoria dos Grafos. Onde, para esse autor a modelagem de tal teoria se tornaria didática para compreender melhor como esse fenômeno atua no espaço.

Por fim, temos consciência que o desenvolvimento de uma pesquisa sobre o tráfico de drogas na geografia, não é tarefa fácil. Porém, vale destacar que o desafio de buscar as respostas para essa problemática e a perseverança do pesquisador acaba se transpondo todas essas barreiras contrárias e desfavoráveis a pesquisa.

Sabemos que não existe um método dentro da ciência geográfica definido para as pesquisas referentes ao fenômeno do tráfico de drogas. Mas, continuaremos a buscar novos caminhos metodológicos dentro dessa ciência para analisarmos a influência de tal fenômeno no espaço. Pois, se não temos método definido ainda, mas temos o aporte teórico dentro da geografia.

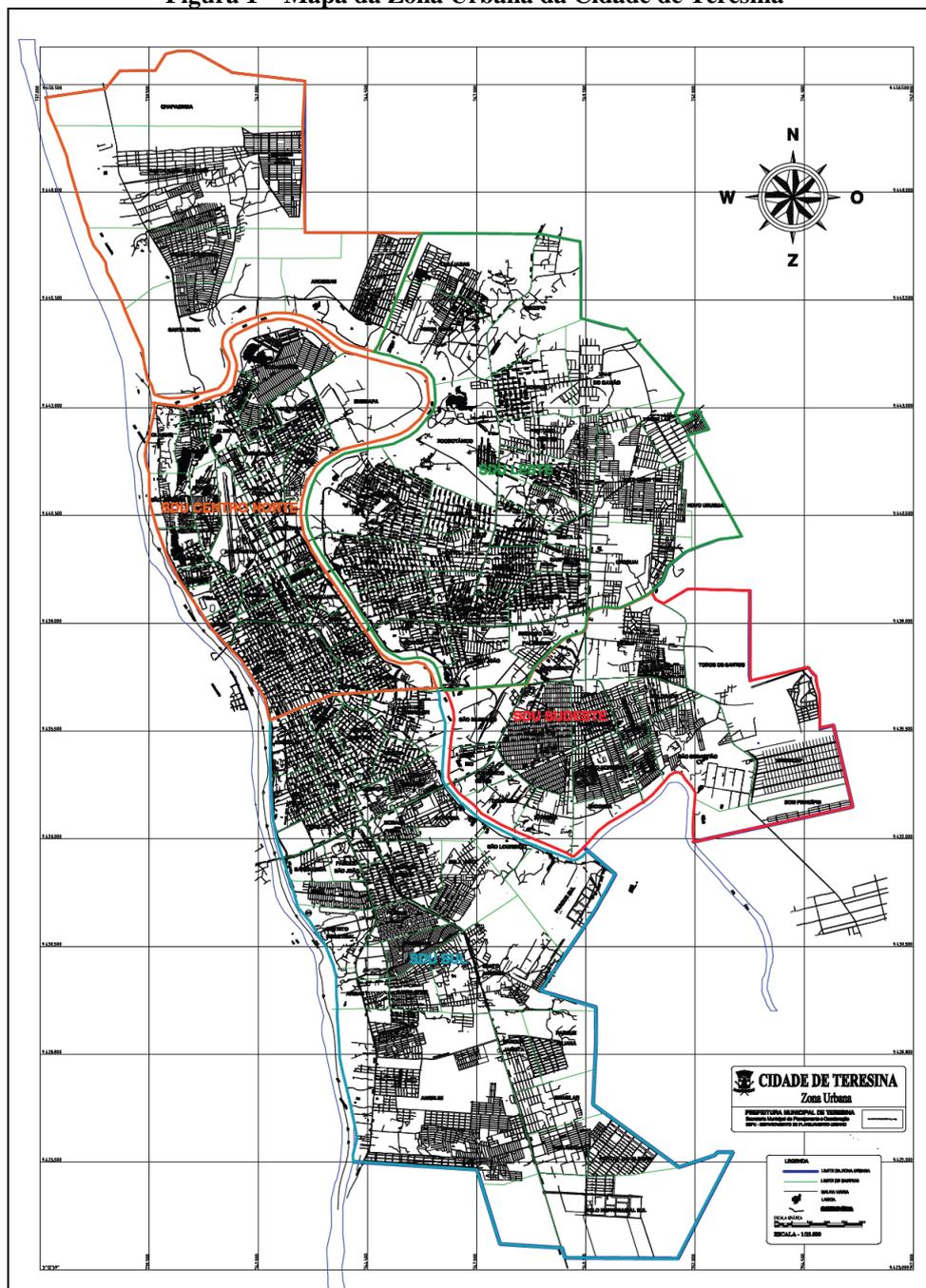
3. O tráfico de drogas em Teresina e a questão territorial

A cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí, está localizada na região centro-norte do estado, à margem direita do rio Parnaíba, tendo como vizinha, a oeste, a cidade de Timon, pertencente ao Estado do Maranhão. Suas coordenadas geográficas são respectivamente 05°05'12" de Latitude Sul e 42°48'42" de Longitude Oeste, apresentando uma área de 1.391,974 Km², considerando o espaço urbano e o rural; e, sua população é de 814.230 habitantes (IBGE, 2010).

Para melhor administrar o espaço urbano da cidade (imagem 1), “através da Lei N^o 1941 de 16 de agosto de 1988, 2114 de 10 de fevereiro de 1992 e 2355 de 16 de dezembro de 1994 e Lei N^o 2960 e 2965, de 26 de dezembro de 2000”, a mesma encontra-se subdividida em regionais administrativas, sendo elas: a regional centro-norte, regional sudeste, regional leste e regional sul. Possui dessa forma um total de 113

Bairros e entre Parques, Vilas, Favelas e Conjuntos Habitacionais somam-se em 300 (TERESINA, 2012b).

Figura 1 – Mapa da Zona Urbana da Cidade de Teresina



Fonte: Semplan, 2012.
In: Teresina em mapas, 2012c.

Mediante a breve caracterização da cidade de Teresina, percebemos que a mesma possui um vasto espaço urbano e uma grande quantidade de bairros, vilas e favelas, o que as torna cada vez mais favorável à ocorrência de crimes e violência provenientes do domínio do tráfico de drogas nesse espaço. E, em contrapartida torna-se

cada vez maior o desafio do poder público de eliminar o poder exercido pelo tráfico de drogas na cidade.

Nessa conjuntura, a cidade de Teresina enfrenta nos últimos anos o aumento indiscriminado do tráfico de drogas, que se instala desde as áreas mais periféricas e pobres da cidade, a bairros tradicionais e também de alto poder aquisitivo. Em todos eles passa a reproduzir violência e medo, e se consolida formando territórios unos em poder e articulado em redes.

O exemplo claro pela estrutura heterogênea do tráfico de drogas pelo qual se configura na cidade de Teresina, já era observada em outras cidades brasileiras. Souza (1996, p. 453-454) diz que na logística do tráfico de drogas a de considerar que o seu

subsistema varejo, como se viu, não se restringe às favelas; em determinadas cidades (como Brasília), são restaurantes, casas noturnas e outras integrantes da "cidade legal" os pontos de apoio mais importantes. Finalmente, acresce que, mesmo no que tange aos espaços dos pobres, bases logísticas do tráfico, não se trata apenas de favelas: conjuntos habitacionais de baixa renda e loteamentos periféricos podem também desempenhar esse papel.

É nesse sentido que o estudo sobre tráfico de drogas atrelado ao território, já discutido em dissertações e teses vinculadas a várias ciências, dentre elas a psicologia e a sociologia, nos levou a busca de uma resposta sobre esse fenômeno ou problemática da sociedade a partir do olhar da geografia, onde essa tem o território como uma de suas categorias conceituais de base, conseguindo assim analisar eficazmente as implicações espaciais provenientes desse fenômeno.

Como anteriormente já citado, a cidade de Teresina possui dimensões territoriais consideráveis, seu espaço urbano subdividi-se em quatro zonas administrativas, possui mais de uma centena de bairros, três centenas de parques, conjuntos habitacionais, vilas e favelas, o que dificulta o estudo sobre o tráfico de drogas e seus territórios considerando todo o espaço urbano ou mesmo alguma zona administrativa, Teresina (2012a).

A considerar os dados estatísticos institucionais sobre o tráfico de drogas em Teresina, durante a pesquisa exploratória, descobrimos que a Delegacia Geral do Estado do Piauí bem como o Comando Geral da Polícia Militar do Estado, resguarda dados referentes às apreensões de drogas e traficantes realizadas em suas operações na cidade, dos anos de 2009 aos dias atuais.

Portanto, diante da grande extensão territorial da cidade de Teresina e dos poucos dados acumulados pelas instituições do Estado responsável pelo combate e repressão ao tráfico de drogas, que a cada ano que se passa constitui mais territórios e, por conseguinte consolida mais ainda seu poder na cidade.

Considerações finais

Mediante aos fatos apresentados nesse artigo, podemos concluir que o fenômeno do tráfico de drogas ainda é uma temática de grande complexidade e desafios para a ciência geográfica. Buscamos não só discutir de que forma o tráfico de drogas dialoga com a sociedade, mas de que forma esse está distribuído no mesmo.

Sabemos que o lócus da reprodução do tráfico de drogas é o território. Esse, que por sua vez agrega as relações de força e poder, e que só se denomina dessa forma por ser o palco da ação do indivíduo ou do grupo, que dele se apropria e o produz, reproduz e transforma.

Estamos cientes que as dificuldades metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa sobre o tráfico de drogas existem, mas a geografia provou ao longo de sua história que as dificuldades existem para serem transformadas em realidade. E é essa realidade que buscamos com a execução dessa pesquisa referente à cidade de Teresina-PI e sua problemática urbana e social com o tráfico de drogas.

Não esperamos ser percussor de um método inovador. Ou mesmo de abraçar o mundo. Esperamos sim, contribuir com mais uma pesquisa geográfica sobre o tráfico de drogas no país. E quem sabe, contribuir para a minimização dessa prática criminosa em nossa cidade.

Referências

BRASIL. Lei de Drogas. In: *Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006*. D.O.U, Brasil, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004/2006/2006/Lei/L11343.htm>. Acesso em: 12/02/2012.

_____. Relatório anual de atividades. In: *Departamento de Polícia Federal*. Ministério da Justiça. Brasil, 2008. Disponível em: <<http://www.dpf.gov.br/institucional/relatorio-anual-pf/>>. Acesso em: 25/01/2012.

IBGE. Censo demográfico 2010. In: *Censo 2010*. IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo2010/>>. Acesso: 12/02/2012.

MACHADO, Lia O. Movimento de dinheiro e tráfico de drogas na Amazônia. In: M. M. Ribeiro e S. Seibel (coord.) *Drogas, Hegemonia do Cinismo*. S. Paulo: Memorial, 1995. p.217-242. Disponível em:
<<http://acd.ufrj.br/fronteras/pesquisa/droga/p01pub01.htm>>. Acesso em: 23/07/2011.

NEVES, Marcella Moraes Pereira das. Política Criminal Antidrogas. In: *Revista de Direito*. Faculdades integradas Vianna Júnior, Juiz de Fora, 2006. Disponível em:
<http://www.viannajr.edu.br/revista/dir/doc/art_40010.pdf>. Acesso em: 12/02/2012.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções sobre o território*. 1º ed. – São Paulo: Expresso Popular, 2007.

SOUZA, M. J. L. As drogas e a "questão urbana" no Brasil. A dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. IN: Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Comes e Roberto Lobato Corrêa (organizadores). *Brasil: Questões Atuais Da Reorganização Do Território*, 5ª edição, BERTRAND BRASIL, 1996. p.419-164.

_____. O narcotráfico no Rio de Janeiro, sua territorialidade e a dialética entre “ordem” e “desordem”. *Caderno de Geociências*, Rio de Janeiro: IBGE, nº 13: p. 161-171, jan./mar.1995.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. IN: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 77 – 116

_____. Redes e sistemas do tráfico de drogas no Rio de Janeiro: uma tentativa de modelagem. In: *Anuário do Instituto de Geociências*. – V.19 – 1996. p.45-60.

TERESINA. *Teresina em bairros*. 1 arquivo Microsoft office Word. Prefeitura municipal de Teresina. - Teresina, 2012a.

_____. Teresina em dados. In: *Secretaria de Planejamento de Teresina*. Teresina, 2012b. Disponível em: <<http://semplan.teresina.pi.gov.br:85/semplan/mapas.asp>>. Acesso em: 24/01/2012.

_____. Mapas de Teresina. In: *Secretaria de Planejamento de Teresina*. Teresina, 2012c. Disponível em: <<http://semplan.teresina.pi.gov.br:85/semplan/mapas.asp>>. Acesso em: 24/06/2011.